

De Sânzio de Azevedo

Penélope

Que tecedeira bizarra,
de dia tece a mortalha

do sogro. De noite, entanto,
desfaz o que custou tanto.

Os pretendentes esperam
a escolha da viúva bela.

Viúva, sim, pois crêem todos
que há muito Odisseu é morto.

Será a escolha anunciada
com a mortalha terminada.

Só Penélope ainda crê
que vai rever Odisseu.

3ª PARTE

POESIA

O dente de todos

O dente de siso
o dente de cobre
o dente de prata
o dente do pobre.

O dente de ouro
o dente de leite
o dente de chumbo
o dente de enfeite.

O dente de pedra
o dente do Pedro
o dente de argila
o dente de cedro.

O dente de cal
(o dente mais limpo)
o dente de ferro
o dente de zinco.

O dente do conde
o dente do lorde
o dente do déspota
que ladra e nos morde.

Rola a pedra da montanha

Seja na chuva ou no vento,
seja na luz ou nas trevas,
rola a pedra da montanha.

Se as ondas rugem na praia,
modo à fera enfurecida,
rola a pedra da montanha.

Se o firmamento sucumbe
às estrelas apagadas,
rola a pedra da montanha.

Se os navios se iluminam,
se os amantes se enamoram,
rola a pedra da montanha.

Se as camas estão em chamas,
se o amor corre nas veias,
rola a pedra da montanha.

Se as espumas se agasalham
como um rebanho de ovelhas,
rola a pedra da montanha.

Ana Bolena

Ana Bolena
foi grande rainha
de beleza serena.

Os poetas da lenda
escreveram poemas
para Ana Bolena.

Quando estava em cena,
os olhos dos planetas
fitavam Ana Bolena.

Se a noite estava plena,
os astros cintilavam
para Ana Bolena.

O ciúme e a gangrena
do monarca o afastavam
da rainha Ana Bolena.

Nem escudo nem emblema
nem as jóias mais raras
seduziam Ana Bolena.

Abalado, o rei condena
à morte na guilhotina
a rainha Ana Bolena.

Esquinas do tempo

Sou um barco ancorado
nas espumas do mar alto
onde se esgalha uma pedra.

Um barco de velas rotas
habitadas pelo vento
que sopra nas profundezas.

Um barco dilacerado
pelas esquinas do tempo
onde as baleias se enamoram.

Um barco que vem de longe,
dos golfos e das penínsulas,
dos mares da Catalunha.

Um barco que vem da aurora,
um barco que vem da noite
à espera da madrugada.

Um barco que vem do exílio
pelas águas do Jordão
ao lago de Tiberíades.

À flor das marés

Os barcos navegam
em flocos de espuma
à flor das marés.

Nas rotas dos ventos
as ondas semeiam
à flor das marés.

Tartarugas do Éden
põem seus ovos de fogo
à flor das marés.

Em noites de lua
tubarões se acasalam
à flor das marés.

Os mastros dos navios
se debruçam nos astros
à flor das marés.

Os navios que partem
levam sonhos e adeuses
à flor das marés.

As retinas da quilha
fitam os olhos dos mortos
à flor das marés.

Jardim de Canções

O amor não resiste ao tempo
nem à água nem ao vento.

É volúvel como as plumas
que se soltam dos cardumes
e se espedaçam na areia
onde a nudez devaneia.

Uma onda que se alteia
como a torre de uma aldeia.

Uma estrela que despenca
do abismo da noite imensa.

Uma cauda de baleia
que mergulha em maré cheia.

O amor não resiste ao vento
nem por fora nem por dentro.